

J. A. GAIARSA

A ESTÁTUA E A BAILARINA



A ESTÁTUA E A BAILARINA

Copyright © 1976, 1995, 2021 by José Angelo Gaiarsa
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Revisão: **Carlos S. Mendes Rosa**

Capa: **Marianne Lépine**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio — Fernanda Carlos Borges	9
Introdução	17
Perversão e redenção	23
Parte I — De como o movimento se faz gesto, atitude, imagem, emoção e ideia	29
Parte II — Ação e reação, movimento e postura, ato e atitude	221

GAIARSA NO SÉCULO 21: A PSICOTERAPIA DO SENTIDO

Nesta, que considero a obra-prima de J. A. Gaiarsa, o autor desenvolve a tese que o coloca entre os teóricos da psicologia e da psicoterapia do século 20 que continuam necessários no século 21. “Pena que ele não é francês” — é o comentário bem-humorado que me vem à mente.

Este prefácio põe em foco o caráter pioneiro da tese publicada por J. A. Gaiarsa nos anos 1970, às margens da universidade, na periferia do Terceiro Mundo chamada Brasil — tese que hoje, quatro décadas depois, está na base do paradigma corpóreo em filosofia e ciências humanas. Gaiarsa foi um precursor tupiniquim.

Nesta obra, o leitor conhecerá os fundamentos de uma psicoterapia corporal da orientação espacial. Psicologia das disposições corporais. Psicanálise da atitude. Ética da resistência. Psicoterapia da queda. Teoria da linguagem em movimento. Filosofia da postura. São muitas as possibilidades para nomear a teoria psicológica e a técnica psicoterapêutica que este livro oferece. Venho chamando de *psicoterapia do sentido*, cuja compreensão não é nada banal.

Em que posição fomos colocados desde que nascemos — na família, nas relações sociais de gênero, classe, raça e nos diversos campos sociais por onde estivemos? Como, dessa posição, respondemos com atitudes que, de algum modo, nos mantêm vinculados àqueles lugares e dinâmicas, singularizando nossos desejos, interesses e destinos? Que disposições corporais formamos e levamos ao longo da nossa vida, atravessando gerações e relações?

Gaiarsa propõe uma psicoterapia verbal e corporal com base nos conceitos de *espaço próprio* e *espaço próximo*, situando a espacialidade no centro dos fenômenos.

Gosto de colocar sua teoria psicológica e psicoterapêutica em diálogo com os seguintes campos teóricos, em plena vitalidade no século 21: 1) a segunda geração das ciências cognitivas; 2) a teoria etnológica de Pierre Bourdieu sobre as disposições corporais, para a qual oferece fundamentos biológicos; 3) o pensamento de António Damásio, pois Gaiarsa apresentou neste livro, publicado originalmente nos anos 1970, uma teoria da mente muito parecida — guardadas as diferenças — com a que foi proposta por Damásio duas décadas depois. São proximidades teóricas que não invalidam o retorno a esta obra, pois não a superam. Ao contrário, estimulam a revisitar *A estátua e a bailarina*, em que Gaiarsa analisa, como nenhum outro, detalhes do sistema sensorio-motor na ética relacional do cotidiano, na psicologia e na psicoterapia.

Quando, em minha época de jovem estudante na faculdade de filosofia, li *A estátua e a bailarina* pela primeira vez, nos anos 1980, pensei: isso é filosofia! Mas não foi fácil convencer meus professores disso, embora eu tenha conseguido fazer uma monografia sobre como a teoria de Gaiarsa favorece uma leitura corpórea da filosofia de Heráclito e do taoísmo clássico.

Tempos depois, em 1999, foi publicado o livro *Philosophy in the flesh — The embodied mind and its challenge to Western thought*, do linguista George Lakoff e do filósofo Mark Johnson, pesquisadores norte-americanos. Eles propõem o paradigma *embodied* para a filosofia.¹ A familiaridade com relação ao ponto de partida de Gaiarsa era tanta que, para mim, foi um espanto. O valor que encontrei em Gaiarsa estava ali, com tutela internacional indireta para o intelectual marginal da neocolônia. E me passa novamente pela cabeça uma variação do comentário bem-humorado do início deste prefácio: “pena que

1. LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh — The embodied mind and its challenge to Western thought*. Nova York: Basic Books, 1999.

Gaiarsa não era norte-americano”. Em seu livro, há uma filosofia corpórea precursora e familiar — ainda que não idêntica — até no que diz respeito a uma teoria sensorio-motora da linguagem.

Tal como esses pesquisadores da segunda geração das ciências cognitivas, Gaiarsa entende que a imaginação e a razão dependem das urgências espaciais do sistema sensorio-motor do corpo humano, mas destina as consequências dessa tese à psicologia e à psicoterapia; entende que a estrutura conceitual é abstraída da experiência sensorio-motora; o pensamento corresponde a esquemas de imagens que correspondem a esquemas motores. Como fazer disso uma psicologia do jeito, uma análise do sentido e uma teoria da comunicação psicanalítica é o que Gaiarsa desenvolve nestas páginas.

“Não percebendo seu corpo, que numa só atitude compõe toda uma história, você se perde na história” — essa frase de Gaiarsa é a síntese deste livro. Síntese que responde ao que Bourdieu expressou como uma necessidade teórica para compreender melhor como são formadas as disposições corporais: “Eu queria, para conciliar a preocupação de rigor e a pesquisa filosófica, fazer biologia”². Foi isso que Gaiarsa realizou.

Tenho dito que Gaiarsa fez uma psicologia para a sociologia de Bourdieu, e vice-versa. Ambos trabalham com as inscrições no corpo na forma de *habitus*, sistemas de disposições corporais produzidos a partir de uma posição num determinado campo social (Bourdieu) que também é um campo de forças físicas (Gaiarsa).

O *habitus*, estruturado como comportamento nas relações sociais, também implica organização espacial — onde e como posso ou não me colocar na família, na escola, no trabalho e também nas relações de gênero e raça. Os encontros deslocados, trágicos e evolutivos. Posso ou não ir em tal direção? Como estar, como continuar. Não são apenas normativas, são as urgências contínuas da nossa orientação no mundo, na relação com o outro. Orientações espaciais carregadas de subjetividade, tensão, conflitos, rupturas e acordos, em campos

2. BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 21.

de forças reais que afetam a postura do corpo e, nela, a percepção e a ação.

Bourdieu estudou o jogo social entre os hábitos e as estratégias nas disposições corporais: “As coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam definidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las”.³ Com Gaiarsa, podemos inserir o *jeito* no jogo ou nas disposições corporais. Jogo e jeito são palavras originadas da mesma raiz latina *jactus*: lançar, arremessar, atirar. De onde vem jato, ejaculação, projeto.

Este livro contribui sobremaneira para a compreensão dos aspectos biológicos e psicológicos sobre como, na relação com o outro, o corpo projeta uma forma de estar no mundo ou se joga no mundo. Jeito, como conceito no contexto desta obra, é o modo como as disposições corporais da postura formam e sustentam um projeto na atitude (geometria-espaço) e um jogo (dinâmica-tempo). Essa teoria também poderia ser chamada de *psicologia do jeito*.

Leia a psicoterapia de *A estátua e a bailarina* tendo em vista o seguinte, acerca do comportamento sociológico: “Adotar certas posições ou certas posturas é, sabe-se desde Pascal, introduzir ou reforçar os sentimentos que elas exprimem. O gesto, segundo o comediante ou o dançarino, reforça o sentimento que reforça o gesto”⁴. Neste livro, Gaiarsa analisa a psicologia disso, uma *psicologia da performance social*, entranhada na biomecânica do corpo humano, especialmente no que diz respeito à produção de *sentido* e à relação — muitas vezes conflituosa — entre significado e sentido. Tenho defendido a ideia de que a psicoterapêutica proposta por Gaiarsa também pode ser chamada de *psicanálise do sentido*. Biomecânica do destino.

Gaiarsa trabalha com o conceito de afeto, definido a partir da origem etimológica do latim *fac*, de onde vem “fazer”. Afeto, então,

3. *Ibidem*, p. 82.

4. *Ibidem*, p. 220.

refere-se à força ou ao objeto que “nos afeta, isto é, faz algo conosco, e nós o afetamos, fazemos algo com ele”, escreve. Os afetos humanos são tão intensos que foi necessário desenvolver uma capacidade para *resistir*. Esta obra também amplia a *tese sobre a resistência* na psicanálise. Para Gaiarsa, resistir é *re-estar*, função primeira do sistema de equilíbrio biomecânico do corpo humano: retomar a estabilidade provocada pelo afeto; não cair.

Resistir para não cair.

Resistir para não se perder.

Resistir neuroticamente é estar impelido a se repetir num mundo complexo de relações pessoais e sociais. No contexto teórico de Gaiarsa, a resistência é a condição primária da postura. Diz ele: “Nós nos reequilibramos continuamente, isto é, nos ‘repomos’ a todo instante, ‘re-estamos’ a todo momento; ‘resistimos’ sempre”.

Das necessidades de resistência biomecânica (manutenção do equilíbrio habitual que reproduz o passado) e de adaptação (assimilação da novidade, que produz o futuro) advém o sofrimento psicológico como confusão entre manter a forma habitual e fazer outra coisa que desestabiliza o equilíbrio habitual. Impomos o passado ao momento, diz Gaiarsa. É preciso balançar mais com o corpo entre o passado e o futuro. O imperativo da existência humana, em todas as instâncias, é produzir forma para organizar o espaço e o destino como modo de vincular-se.

E, assim, aproximamos a teoria da mente de Gaiarsa publicada no Brasil nos anos 1970 da teoria de Damásio publicada nos Estados Unidos muito depois, nos anos 1990. E a publicação de Damásio, em vez de empurrar este livro para o passado, faz mais puxá-lo para um belíssimo diálogo no início do século 21, com uma colaboração teórica para uma teoria da consciência e uma prática psicoterapêutica. A conversa teórica entre eles gira em torno da cognição em perspectiva, da consciência central e consciência expandida, da teoria do *self* central e biográfico.

Neste prefácio, importa a contribuição de Gaiarsa para a psicoterapia com base no que Damásio chamou de *self* biográfico e sua

consciência ampliada: “Embora dependa do mesmo mecanismo fundamental da consciência central — criação de relatos mapeados das relações correntes entre organismos e objetos —, a consciência ampliada adapta o mecanismo não apenas a um único objeto X distinto do *self*, mas a um conjunto consistente de objetos previamente memorizados e concernentes à história do organismo”⁵. Gaiarsa, com foco em psicoterapia num mundo complexo, deu um passo a mais, ao teorizar sobre como a memória da história pessoal e social do corpo o predispõe para reproduzir na percepção e na ação um lugar que já não está mais inteiramente aqui. Reproduzir o mesmo.

A memória biográfica também está na trama dos músculos, na forma e nos esforços mais ou menos estabilizados que resultam em sensação de si mesmo como singularidade e em vetores subjetivos na direção do outro. Os fundamentos e as consequências dessa teoria para uma *clínica psicanalítica do sentido* são abordados nesta obra. E uso a palavra “psicanalítica” sem o menor receio, pois Gaiarsa vai e volta de Freud continuamente, muitas vezes ampliando-o na direção de reforçar algumas ideias e conceitos da teoria original (como a de que o inconsciente é um lugar), outras vezes para se opor, como quando propõe uma teoria sobre a instauração da lei na psique humana numa primeira instância, anterior ao tabu, do que decorre então um superego central inegociável, a lei em si, e um superego expandido, a lei simbolicamente negociável.⁶

Ainda é preciso mencionar outra tese contida neste livro que merece destaque em nossos dias: esquemas motores como formas da cultura transmitidos entre gerações por meio da imitação/incorporação. Visualize isto: esquemas motores como formas reificadas de cultura. Todos sabemos que a aprendizagem de comportamentos passa pela imitação. Daí a máxima popular: “O que vale é o exemplo”.

5. DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 254.

6. Sobre esse assunto, veja BORGES, Fernanda C. *A filosofia do jeito — Um modo brasileiro de pensar com o corpo*. São Paulo: Summus, 2006.

Incorporamos esquemas motores que possibilitam a inclusão social ou inventamos esquemas novos que, com o tempo, são assimilados pela cultura. Por exemplo, um esquema motor mulher que é naturalizado como a verdadeira mulher. Bourdieu mostrou que a evasão escolar na rede pública francesa se devia muito mais à dificuldade dos estudantes periféricos de incorporar a *performance* burguesa no modo de sentar-se, falar, pôr-se, rir etc. (indiretamente treinada e esperada como resultado do processo educacional) do que às dificuldades cognitivas com relação ao conteúdo acadêmico. A definição assim descrita como “esquemas motores reificados como formas da cultura” foi publicada pelo antropólogo Thomas Csordas⁷, pesquisador na Universidade da Califórnia, muito depois de Gaiarsa ter explicado e descrito o processo biológico-psicológico-biomecânico de produção e reprodução dos esquemas motores.

Outro exemplo: a situação das novas famílias oriundas de recasamentos nas quais surgiram novos personagens familiares, como a mulher do pai e o marido da mãe. Algumas vezes, o marido do pai e a mulher da mãe. Nesse exemplo, não importa o gênero. Importa que as dificuldades vividas são de posição: “Qual é o meu lugar nesta relação familiar?”. A experiência ainda está produzindo coletivamente os esquemas motores de posição (lugar), significado (narrativa) e sentido (função) dessas novas relações de parentesco, e a lei corresponderá aos direitos e deveres nas novas organizações familiares. E assim a cultura vai evoluindo nos corpos e nas ideias.

A estética da psicoterapêutica proposta por Gaiarsa passa pela capacidade de imaginar a geometria dinâmica dos encontros entre os corpos nos ambientes, uma topografia da trama do destino. O encontro consigo mesmo passa por mapear onde/como estivemos e continuamos, mesmo quando já houve um deslocamento. Na linguagem que Gaiarsa usa neste livro, a atitude contém um *espaço próprio* que pode dificultar a relação com o *espaço próximo*. Nesse caso, a neurose

7. CSORDAS, Thomas. “Embodiment as a paradigm for anthropology”. *Revista Ethos*, v. 18, n. 1, 1990, p. 5-47.

manifesta-se como *confusão mecanoafetiva*, com consequências na ansiedade, na sensação de estar perdido e no medo da decadência.

Com este prefácio, busco favorecer a leitura de *A estátua e a bailarina* no século 21. Quando foi publicada originalmente, a obra era inovadora demais para ser assimilada no Brasil. Hoje, sua teoria antes marginal se desloca, se não para o centro, certamente para *um* centro.

FERNANDA CARLOS BORGES

Filósofa, analista, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, pós-doutora em Performatividade do Corpo e Arte da Performance pela Unicamp e pesquisadora, pela Fapesp, na Universidade Aberta de Portugal

Até há poucos anos, os movimentos dos seres humanos eram extensamente ignorados por quase todos os estudiosos da psicologia. Parece que eles não percebiam que *expressão* — emocional, intelectual, instintiva, artística — é movimento ou atitude e nada mais. Falava-se demais na expressão, mas não se dizia nada sobre os músculos.

Meio perdidos nesse mar de inconsciência, boiavam dois termos curiosos: *psicomotricidade* e *expressão corporal*. Eu bem gostaria de saber se existe uma motricidade que não seja “psico” e se existe algo psíquico totalmente desvinculado da motricidade. Gostaria também de saber se há alguma expressão que não seja corporal e se há algum corpo que não seja expressivo.

De longa data, os comportamentalistas — e mais recentemente os etologistas — não estudam outra coisa senão os movimentos dos animais, pois todo o comportamento não é outra coisa senão movimento. Mas basta dizer assim para ver que o próprio comportamentalista desdenha o estudo da motricidade, vinculando-a implicitamente a estruturas de estímulo-resposta. Tampouco se diz que toda resposta é, na prática, um movimento. Em fração mínima, poderia ser uma secreção como a da saliva, que foi a coisa mais estudada por Pavlov.

Na verdade, nem comportamentalistas nem etólogos se detiveram em considerar as propriedades inerentes ao aparelho neuromotor. No entanto, é claro e evidente ao menor exame que a resposta do ser vivo é uma estrutura em sentido próprio, notavelmente versátil e complexa, mesmo nas suas manifestações mais simples. É uma estrutura complexa tanto quando se considera o equipamento biológico

que a produz como quando se considera a postura, a movimentação e a adequação da resposta à situação. Entre parênteses, diga-se que o termo *situação* é muito melhor do que o termo *estímulo*, pois é claro que os animais não respondem nunca a um estímulo isolado, nem mesmo em laboratório. Ao lado do estímulo sobre o qual influi o cientista, existem sempre vários outros atuando, como a temperatura, a luminosidade etc.

Na área clínica, a influência da psicanálise foi avassaladora, e falar em psicanálise é falar em verbalização e nada mais. É inacreditável que se adote o método, tido como científico, de excluir do campo visual do estudioso o objeto a ser estudado. A rigor, nenhum texto psicanalítico deveria falar em observação, mas apenas em audição... Um dos efeitos negativos mais acentuados da psicanálise sobre o desenvolvimento da psicologia foi precisamente este: a exclusão da observação visual. Essa atitude tão descabida só foi aceita porque estava uma das características mais fundamentais do ser humano: a de ser um tagarela bastante irresponsável. As pessoas confundem demais falar e fazer, confundem demais as palavras e as coisas. Boa parte delas quase sempre se comporta como se viver bem consistisse em falar bem e como se toda a comunicação humana se fizesse exclusivamente por meio da palavra. Seria necessário um embasamento pré-conceitual gigantesco para que uma disciplina dita científica se animasse a propor e defender um método tão incompreensível.

Foi preciso que Reich trouxesse para a psicologia aquela sensatez de há muito esquecida, mas condizente com o que de mais elementar se pode dizer sobre o homem: as coisas humanas começam quase sempre pelos olhos e os olhos são extraordinariamente importantes em todas as coisas humanas. Reich demonstrou com extrema clareza, e a um só tempo, que o misterioso inconsciente freudiano é inteiramente visível e os olhos do terapeuta são uma peça fundamental da terapia.

Com o seu conceito de couraça muscular do caráter, Reich foi um dos primeiros estudiosos a se deter explicitamente na expressão não verbal do ser humano, que hoje é o principal objeto de estudo da

psicologia. Resumidamente, tudo aquilo que não é dito pela palavra pode ser encontrado no tom de voz, na expressão do rosto, na forma do gesto ou na atitude do personagem.

Um observador deveras atento consegue ver no outro — ver com os olhos — quase tudo aquilo que o outro está escondendo, conscientemente ou não. Para o observador interessado e contra a convicção popular, ver cara é ver coração... Todos os motivos ditos secretos pela psicanálise aparecem com maior ou menor clareza na forma do sorriso, no jeito de olhar, no gesto da mão, no modo de estar sentado, na posição da cabeça, no corpo inteiro e em cada uma de suas partes.

Reich apenas desenvolveu sistematicamente aquele que é o método mais fundamental para conhecer o outro. Quero dizer que, desde pequenos, todos nós nos baseamos pesadamente na observação do outro para conhecê-lo, para saber o que ele pretende de nós, para levá-lo a agir como pretendemos. Essa observação do outro é tão precoce, natural e instintiva, que se faz difícil tomar consciência plena dela. O maior mérito de Reich foi precisamente esse.

Foi esta também sua maior coragem: a coragem de ver. Sabemos que a história do rezinho nu, que saiu à rua exibindo vaidosamente a própria pele, e de seus súditos, que se encantavam com o inexistente, é o arquétipo de todas as convenções humanas. Torna-se fácil defender a tese de que a socialização consiste em fazer que a criança deixe de ver o que está aí e comece a ver o que não está aí — isto é, que ela pouco a pouco suprima toda a sua experiência não verbal com as coisas (visão, tato, paladar, olfato, audição, contato) e, aos poucos, passe a responder ao mundo — responder e não perceber — o mais possível em função das categorias gramaticais. É sabido que as categorias gramaticais praticamente se confundem com as categorias lógicas, que falar e pensar são praticamente sinônimos para a imensa maioria das pessoas — pensar e falar no lugar de perceber e sentir. Sentir, ainda, nos vários significados de *sensação*, de *sentimento* e de *avaliação imediata da realidade presente*. Imediata quer dizer pré-verbal. Quando somos apresentados a alguém, nossas primeiríssimas impressões são todas elas visuais.

Começar a ver como as coisas são é o primeiro e mais fundamental passo para iniciar a destruição ou a relativização de todas as convenções. Por isso é que *ver* se propõe mais como um problema de coragem do que como um problema de inteligência ou sensibilidade.

Meu livro pretende ensinar as pessoas a ver.

Os especialistas que estudam o movimento são os neurologistas, os cinesiologistas, os esportistas, os atores, os fisioterapeutas, os professores de ioga e os bailarinos, cada qual com seu enfoque.

Ainda hoje a maioria dos psicólogos ensaia os primeiros passos nessa área. Nenhum dos especialistas citados serve diretamente ao psicólogo, mas todos eles têm o que nos ensinar.

Como se supõe, pesquisei bastante a bibliografia do movimento, e sempre com um profundo sentimento de insatisfação. As páginas mais inteligentes que li até hoje sobre movimentos animais pertenciam a um autor cujo nome esqueci — grave injustiça! Era um oftalmologista que descrevia a importância da visão nos movimentos, no prefácio de um tratado sobre estrabismo. Depois dele, Charles Scott Sherrington, em seus clássicos estudos sobre reflexos medulares, também sabia do que estava falando. No mais, uma soma inacreditável de detalhes bem descritos e bem explicados, ao lado de uma total incapacidade de integrar esses dados num conjunto coerente. Quem quiser desistir de entender os movimentos humanos, que leia qualquer texto de neurologia descrevendo as funções do extrapiramidal ou mesmo do cerebelo. Quem quiser ficar para sempre confuso em relação ao termo postura, que leia vários textos de fisiologia que descrevem os mecanismos reguladores do tônus postural.

Os cinesiologistas cometem o mesmo pecado, ou sofrem limitações paralelas. Descrevem com precisão mecanismos elementares, mas não conseguem dizer a ninguém como é que nós andamos...

Os estudiosos de esportes e danças sabem um pouco mais, porque estão acostumados a observar o corpo humano em ação. Mas eles se ressentem precisamente da falta de análise, que é precária. Estão acostumados a perceber em conjunto, mas não conseguem desmontar o relógio...

Uma das características do mundo moderno é o interesse que vem surgindo e o esforço que se vem aplicando no sentido de reavaliar o corpo humano e estabelecer sua importância para o ser humano. Note-se que frase mais absurda — no entanto, verdadeira e fiel aos fatos. Nos últimos anos, seguindo um processo de reação em cadeia, têm sido estudadas e desenvolvidas no mundo todo mil teorias e técnicas para compreender e trabalhar com o corpo, para harmonizá-lo nas suas funções, para aprender a extrair dele tudo que ele tem e pode dar.

Cada novo passo nessa direção substitui uma velha e querida função psicológica por uma função visceral ou muscular. Bem podemos dizer que a alma humana está se encarnando, isto é, ganhando carne, chegando ao corpo, confundindo-se com ele.

Mas é preciso reafirmar a complexidade das nossas funções motoras e dizer que a maioria dos técnicos que trabalha com o corpo não sabe bem com o que está mexendo.

É claro que este livro foi escrito para essas pessoas e dentro dessa onda.

Quase tudo que sei sobre o corpo humano aprendi em clínica, observando as pessoas no consultório e trabalhando com o corpo delas de mil diferentes maneiras.

De há muito que o meu consultório é um laboratório para o estudo de movimentos e atitudes humanas.

Por isso, este livro parte sempre daquilo que se vê, daquilo que está aí, de uma pessoa que se põe assim, que gesticula assim, que sorri assim, que fala nesse tom de voz. As descrições são bastante numerosas ao longo do livro e muito pormenorizadas. Antes de mais nada, é preciso que as pessoas aprendam a ver.

Todo subsídio à compreensão do problema, da fisiologia, mecânica, anatomia, cinesiologia e de outras fontes vai sendo integrado à figura humana viva e em movimento. Quer dizer, todos esses dados são recordados já dentro de um contexto significativo, o que, acreditamos, facilita sobremaneira a assimilação e vai ao encontro dos interesses do leitor.

Entre outras coisas, este livro oferece demonstração clara da participação da motricidade em várias formas de psicoterapia, em particular o psicodrama, a Gestalt-terapia, a expressão corporal, o método Feldenkrais, a técnica de Alexander, as várias formas de ioga corporal (e mental também), a utilidade das técnicas de relaxamento e de vários métodos tradicionais do Oriente, que centram o desenvolvimento pessoal em torno de uma atividade física bem determinada, o manejo da espada, do arco, as lutas codificadas.

Em outro contexto, usamos algumas expressões que são, dentro da mecânica, pouco precisas ou pouco usuais. Fizemos isso mais para ser claros do que para ser exatos.

A principal influência que modelou este livro proveio de Reich, da anatomia osteomuscular e da neurofisiologia da motricidade. Mas veio também, e acima de tudo, do inexaurível prazer que sinto vendo gente.

J. A. GAIARSA

PERVERSÃO E REDENÇÃO

Inquieto, ofegante e suspiroso, controlando-me com olhares rápidos e envergonhados, suando nas têmporas, Marcelo faz o prefácio de uma confissão.

— Agora não sei o que o senhor vai pensar de mim. É horrível. Mas eu preciso lhe dizer. Tudo.

O prefácio me surpreende. Marcelo me conhece de várias entrevistas, nas quais nos demos bastante bem, de igual para igual; conheceu-me também — e muito mais! — pelo meu livro sobre sexualidade¹, que foi lido por ele e o trouxe até mim. Marcelo é sensível a pessoas e assaz maduro para saber — ou ter percebido — de minha ampla tolerância ante fatos humanos e sexuais. Enfim, Marcelo sabe, tão bem — quase — como eu, que dizer *tudo* significa, via de regra, dizer coisas que quase todos fazem mas ninguém diz que faz...

— Tenho obsessão de ver o corpo humano. Principalmente o que está escondido... De pequeno — a mania vem de longe! — de pequeno, deixava cair coisas debaixo da mesa — durante as refeições — a fim de ir juntá-las e aproveitar para ver as pessoas — por baixo — sabe?

E sua. E bufa. Está indignado consigo mesmo. Por fazer o que faz? Por estar se sentindo obrigado a confessar a alguém? Diante de meu silêncio e de minha face amistosa, ele piora.

— Agora preciso dizer. Não sei do que o senhor vai me chamar. Quando cresci — lá na minha terra — procurava às vezes prostitutas. Era condição essencial que a mulher fosse muito bonita. Eu ficava

1. GAIARSA, J. A. *A juventude diante do sexo*. São Paulo: Brasiliense, 1967.